

## ENTREVISTA COM AHARON APPELFELD

Luis S. Krausz\*

Naamá Silverman Forner\*\*

O subúrbio de Mevasseret Zion, cujo nome, extraído do livro bíblico de Isaías, significa “anunciação de Jerusalém”, fica num morro que, para quem vem da planície costeira de Israel, antecede a chegada à cidade santa do Judaísmo, como uma anunciação. Por muitas décadas foi um subúrbio distante e silencioso, onde pessoas que não dispunham de meios para adquirir moradas nos distritos tradicionais da capital israelense podiam viver em meio ao silêncio e ao verde das florestas de pinheiros plantadas pelo Fundo Nacional Judaico. Hoje, porém, com o crescimento explosivo da cidade, Mevasseret Zion tornou-se um subúrbio afluyente, em cujas ruas recurvas se sucedem casas espaçosas, cercadas por jardins floridos, que lembrariam as de um “suburb” norte-americano, não fosse pelo fato de que, como em Jerusalém, também ali todas as edificações têm, por força de lei, as paredes revestidas com a chamada “pedra de Jerusalém”, o travertino que, desde os tempos do domínio britânico, é o único material permitido como revestimento externo em todas as edificações. O bairro expandiu-se de tal forma que hoje está praticamente ligado a Givat Shaul, onde está o maior cemitério da cidade.

Mevasseret Zion é, assim, um lugar entre lugares, a meio caminho entre uma Jerusalém que ainda não é e a morada dos que já se foram. Como tal também abriga um grande centro de absorção de imigrantes judeus, sobretudo da Etiópia, muitos dos quais, embora vivendo ali há décadas, ainda se encontram em trânsito, não se integraram na sociedade mais ampla. É um bairro que, ao que parece, coaduna-se com a situação existencial do escritor Aharon Appelfeld (1932-), seu mais ilustre morador e um escritor que, segundo seu amigo Philip Roth, é “leva ao paroxismo o conceito de desterritorialização”.

Nascido em Czernowitz, que então fazia parte da Romênia, mas fora uma cidade austro-húngara até 1918, Appelfeld perdeu seu lar e sua família aos oito anos de idade, quando sua

\*Professor Doutor em Literatura Hebraica e Judaica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

\*\*Doutora pelo programa de pós-graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da USP.

cidade foi tomada pelos nazistas. Sua mãe foi assassinada; ele e o pai foram deportados para um campo de trabalhos forçados, onde ele e o pai chegaram depois de dois meses de marcha pela Ucrânia. “Meu pai era um homem forte,” conta Appelfeld, “e ele me carregava nos ombros dia após dia. Não fosse por isso, eu, um menino de oito anos de idade, não teria sobrevivido.” Ao longo desta marcha, Appelfeld viu morrerem muitas dezenas de crianças, velhos e adultos. No campo, o pai era levado para trabalho escravo, todos os dias. Certo dia, resolveu fugir e conseguiu escapar. Sobreviveu à guerra da maneira mais improvável, escondendo-se em florestas, junto com um bando de ladrões de cavalos, que o usavam para seus roubos, colocando-o dentro dos estábulos por passagens estreitas, nas quais não haveria espaço para um adulto. Uma vez dentro do estábulo, ele abria a porta por dentro e depois todos fugiam, com os animais. “Se tivesse sido pego por algum dos fazendeiros, teria sido morto,” diz Appelfeld, com um sorriso. “Esta foi a minha educação. Uma ótima formação, não é?” pergunta. Depois trabalhou para uma prostituta, ajudando-a a limpar sua casa, e com todos tipos de criminosos. Terminada a guerra, foi levado para um campo de refugiados e, em 1946, para o que era então o embrião do Estado Judeu. Vindo de um lar de língua alemã, perdeu a língua-mãe durante os anos de errância e, em Israel, adquiriu o que chama de sua “língua-madrasta”, o hebraico, na qual criou uma vasta obra literária, já traduzida para 34 idiomas e que alcançou a marca dos 41 livros. Aos 81 anos de idade, Appelfeld continua produzindo. Há poucos meses, foi lançado em Israel seu romance *Avi ve imi, Meu pai e minha mãe*, no qual, como em tantos outros, retoma o mundo perdido dos judeus assimilados à cultura alemã, que viviam nas antigas terras da coroa habsburga e foram tomados de surpresa pela ascensão do nazismo.

O livro esteve, por três semanas, na lista dos mais vendidos do país, uma grande satisfação para Appelfeld que, embora seja o autor que mais títulos tem traduzidos para o inglês dentre os seus compatriotas, ainda permanece, em certa medida, um *outsider* no cenário das letras israelenses.

Em seu estúdio, no andar térreo da casa confortável e aconchegante na qual criou seus filhos e onde hoje dispõe livremente do seu tempo para dedicar-se à escrita, Aharon Appelfeld recebeu Naama Silverman Forner e Luis S. Krausz para uma entrevista:

**A identidade hebraico-israelense fundou-se sobre o pressuposto de uma ruptura completa com o passado do Judaísmo diaspórico. Sua obra literária constrói-se na contramão desta pressuposto. De onde lhe veio a coragem para erguer-se contra as imposições do sistema educacional e ideológico vigente à época de sua imigração?**

Sou uma pessoa tranqüila, e não costumo me revoltar, mas não podia cortar meus laços com meu passado, que estava arraigado em mim de maneira extremamente profunda. Meus pais estavam dentro de mim, meus avós estavam dentro de mim, a cidade onde nasci estava dentro de mim, e as aldeias nos Cárpatos, onde viviam os meus avós. Quando cheguei a Israel, tinha a idade de treze anos, e tentei me libertar deste passado, porque todos os jovens que chegavam a Israel naquele tempo queriam separar-se dos seus passados. Mas não tinha como. Não falo a respeito da guerra nem dos guetos, nem dos campos, mas não podia obliterar estas coisas da minha memória, que eram parte de mim. Por um lado, eu estudei hebraico, estive numa escola agrícola, trabalhei como agricultor. Queria ser jovem e forte e saudável como todos os outros, mas algo em mim era mais forte do que a força da ideologia que me cercava – e que era muito forte e muito exigente. Tive que nadar contra a corrente. Quando ainda não era escritor, esta era uma pequena revolta. Mas quando comecei a escrever isto se tornou um problema. Pois quando publiquei meu primeiro livro de contos, intitulado *Ashan (Fumaça)*, o editor olhou para mim e me perguntou: “De onde você veio? Você é um alienígena! Você não pertence a este país! Onde você está vivendo? Que tipo de fantasia é esta?” Isto ia contra o “mainstream”, e ninguém queria publicar meus livros. Houve até mesmo quem me dissesse: “Você tem talento, você é uma pessoa talentosa, mas vá para casa e pense um pouco no que você está fazendo. Você está trazendo a *Galut*, o exílio judaico, para cá. Tudo aquilo que precisa ser esquecido, você faz reviver em seu livro, você não fala sobre os *Kibutzim*! Você está escrevendo sobre um mundo que não existe mais, em vez de escrever sobre o renascimento do povo judeu em Israel, e isto é um anacronismo!” Outro problema era a língua. “Você escreve numa língua muito pobre,” diziam os editores. Ninguém se perguntava como poderia ser possível escrever a respeito do Holocausto num idioma rico. Seria ridículo escrever sobre os campos de concentração e sobre as florestas numa linguagem gloriosa. É preciso falar num registro mais baixo, num tom menor. Então, conteúdo, língua e forma... nada servia.

**Na cultura judaica, a memória ocupa desde sempre um lugar singular. E no entanto, a cultura israelense construiu-se, por muito tempo, sobre uma ruptura com a memória do judaísmo diaspórico. Qual é o lugar da memória na cultura israelense hoje?**

Hoje a memória ocupa um lugar legítimo. Antes este tema era um tabu. Hoje não há mais, em Israel, uma vida ideológica como havia nos anos 1950, 1960. Lembro-me que, em minha juventude, estava andando na rua com um parente, e falava com ele em alemão. Um senhor de aparência muito respeitável nos interpelou e advertiu-nos: “Um hebreu deve falar hebraico!” O ideal da sociedade era o membro de um *Kibutz*. Isto era pertencer à elite. Se você não estivesse no *Kibutz*, já era, necessariamente, de segunda categoria. Graças a Deus hoje as memórias são outra vez consideradas legítimas. Cada qual tem a sua vida. Veja o que aconteceu com os imigrantes russos: hoje vivem em Israel cerca de um milhão de russos, e eles falam russo entre si, e fazem questão de ensinar o russo aos seus filhos. Mesmo a nova geração, que nasceu aqui, fala russo. Eu me ocupo com a memória particular. Não me interessa a memória coletiva. E me ocupo, sobretudo, com a memória dos judeus assimilados. À época da minha imigração, havia duas coisas que eram consideradas impuras em Israel: a primeira, os judeus religiosos; a segunda, os assimilados. Ambos eram criticados pela ideologia hegemônica. Ambos são o tema da minha literatura. Tenho uma afinidade de alma com os judeus assimilados da Europa Central. Minha cidade natal, Czernowitz, era uma cidade muito culta, onde havia dois colégios onde se estudava latim e grego, e uma grande universidade, com estudos germanísticos. A comunidade judaica era relativamente pequena, com cerca de 40.000 pessoas, mas eram pessoas muito cultas. Só pude frequentar o primeiro ano da escola em Czernowitz, mas talvez isto já seja alguma coisa.

### **O que o atrai na alma dos judeus assimilados?**

Esta alma dos judeus assimilados me parece uma alma muito rica, uma alma interessante, cheia de contradições e de conflitos. A alma religiosa, tradicionalista, também é uma alma rica. Por outro lado, esta identidade israelense apregoada pela ideologia do coletivismo me parece uma alma superficial, pois não tem nem a profundidade dos religiosos, nem a profundidade dos

assimilados à cultura germânica. Em Czewrnowitz, todas as pessoas educadas sabiam ler um texto em latim, um texto em francês, um texto em alemão.

**Como o senhor fez de uma língua que aprendeu relativamente tarde, na adolescência, seu instrumento de expressão literária?**

A língua hebraica, nos anos 1940, 1950, 1960 passou por um processo de secularização, um processo muito intenso e radical, cujo objetivo era amputar os conteúdos religiosos dos quais esta língua estava impregnada. Em vez de *Melacha* passou-se a falar em *Avodá*. Mas o termo *Avodá* no hebraico bíblico significa o trabalho realizado nos ritos religiosos, e passou a significar simplesmente “trabalho”. A palavra *Makom*, que significa Deus e sua onipresença, passou a significar apenas “lugar”. As palavras foram privadas de suas conotações metafísicas. E isto não foi levado em conta. Para privar inteiramente a palavra *Makom* de sua conotação religiosa, transformaram-na até em verbo, *Lemakem*, que significa localizar. Assim foi, palavra por palavra. *Hasgachá*, vigilância, com seu evidente conteúdo religioso, tornou-se a atividade dos vigias, dos policiais. O que eu fiz para me apropriar da língua foi estudá-la. Todos os dias copiava um capítulo da Bíblia, em hebraico, para ir aprendendo aos poucos. Assim, paradoxalmente, meu hebraico, que justamente aprendi no *Kibutz*, veio da Bíblia. Compreendi que esta era uma fonte importante e este hebraico me permitiu ligar-me aos meus avós, que eram judeus religiosos de uma aldeia nos Cárpatos. Assim, aprendi o hebraico dos secularistas, que era adequado para tratar dos judeus assimilados, e aprendi o hebraico da Bíblia, que me serviu para tratar dos judeus religiosos, como os meus avós. A literatura, como todas as outras formas de arte, tem também um aspecto artificial e, nos meus 41 livros, construí um mundo particular.

**A maior parte dos personagens dos seus romances e novelas são falantes de alemão ou de ídiche. No entanto, seus livros são escritos em hebraico. O Sr. traduz, em sua mente, enquanto escreve?**

Não. Como trouxe comigo da Europa uma bagagem cultural e lingüística muito pequena, não fui capaz de trazer nada, pois só tinha terminado o primeiro ano do primário, que cultura?

Quando cheguei aqui, com quase 14 anos de idade, era uma *tabula rasa*. Não sabia nada. E o hebraico foi como uma língua-madrasta para mim.

### **O Sr. ainda tem uma ligação com a língua alemã?**

Durante uma época, tinha uma certa ligação. Em Jerusalém, que foi minha primeira estação depois de minha chegada a Israel, a diretora da escola interna em que estudei era Rachel Yanait e o escritor S. Y. Agnon, que morava perto deste colégio, veio, certa vez, para ver as crianças que tinham chegado da Europa, os sobreviventes do genocídio que tinham sido trazidos para Israel. E ele me viu e tentou conversar comigo em hebraico. Como havia apenas seis meses que eu tinha chegado, não fui capaz de responder, e ele então me perguntou de onde eu vinha. Eu respondi que vinha de Czernowitz, então começamos a conversar em alemão e também em ídiche.

### **Como é a recepção dos seus livros no mundo de língua alemã?**

Freqüentemente os alemães me perguntam porque eu nunca digo uma palavra sobre eles em meus livros. Eles me dizem que, ao não lhes dar nenhum lugar na minha literatura, ao não falar sobre eles, eu os estou demonizando. O que tenho eu a dizer sobre os alemães? O que conheci deles foram os oficiais da SS – eu simplesmente não sei o que dizer a respeito de uma pessoa assim.

### **Em que língua o Sr sonha?**

Já não me lembro muito bem dos meus sonhos. Antes, me lembrava melhor, agora lembro metade, um quarto. Na verdade, não sei em que língua sonho.

**Muitos escritores israelenses, sobretudo os que recebem mais atenção da mídia, estão o tempo todo falando sobre política. Como é, para o Sr., a relação entre política e literatura?**

Política e literatura, assim como psicologia e literatura, sociologia e literatura, não é uma boa combinação. A pergunta é o que buscamos por meio da literatura. A literatura deve ser uma ilustração de um artigo jornalístico? Ou procuramos outra coisa? Quanto a mim, a literatura é um caminho para um mundo interior, não procuro sociologia e nem política. Nem sou profeta. Não me levanto, dia após dia, para gritar “isto tem que ser assim, aquilo tem que ser assado!” Venho de um mundo diferente, que foi arruinado pela catástrofe. O que encontrei aqui foi provincianismo, com o perdão da palavra. Na província cada um se levanta e diz “eu quero isto, eu quero aquilo!” Isto nunca me interessou, e por este motivo fui por muito tempo um “outsider”. Me interessa o meu mundo interior. Falavam de mim: “Appelfeld, ele é bom, ele é ótimo! Mas por que ele escreve sobre os judeus da Diáspora?”

“Por que ele escreve o tempo todo sobre o genocídio?” “Por que ele não diz como as coisas deveriam ser aqui?” “Por que ele não escreve quais são as idéias que deveria haver aqui?” “Por que ele só se ocupa com o homem em vez de ocupar-se com as grandes idéias?”

### **Como é sua ligação com S. Y. Agnon, que também escreveu sobre o mundo dos judeus da Europa?**

Para mim, Agnon foi uma espécie de modelo. A maior parte de sua obra trata da cidadezinha onde ele nasceu, na Galícia, então parte do Império Austro-Húngaro, Buczacz. Este é o seu tema, e de certa forma ele também foi um escritor que nadou contra a corrente, pois veio para Israel com a 2ª. Aliá, e esperavam dele que escrevesse sobre os pioneiros do sionismo. Ele teve a sorte de ter nascido, como a minha família, no Império Habsburgo, um Império extremamente rico em termos de cultura. Além disto, depois de sua imigração para Israel, ele passou cerca de dez anos na Alemanha, onde conviveu com grandes escritores, na maior parte judeus, como Gerschom Scholem e Martin Buber, Hugo Bergmann. Eu também tive o privilégio de conviver com essas pessoas quando vim para Israel, inclusive com o círculo de amigos que se criara em torno de Kafka. Com o passar do tempo, fui estabelecendo laços com estas pessoas que vieram para Israel em busca de suas raízes judaicas, nascidos em casas de judeus assimilados, e aqui se ligaram aos grandes textos do judaísmo, e era isto que eu estava procurando também.

**O Sr. criou um estilo muito particular de hebraico. Tem-se a impressão de que cada uma das palavras que o Sr. utiliza foi cuidadosamente examinada antes de ter sido usada. Este estilo preserva um certo estranhamento diante da língua. Esta curiosidade, este estranhamento, persistem mesmo depois de tantas décadas?**

Meu principal interesse é a palavra hebraica, sua musicalidade. Uma palavra tem conteúdo, mas tem uma música e eu sigo esta música.

**O Sr. se sente seguro em Israel?**

O homem não está seguro em parte alguma. Em Nova York? Em Londres? Em Paris? Quem pode dizer que se sente seguro nesses lugares? Claro que eu tenho minha bagagem. Eu fui arrancado de meu lar aos 8 anos de idade. Minha mãe foi assassinada. Fui separado de meu pai. Esta foi minha infância. Como posso me sentir seguro? O mundo não é um lugar seguro.

**Como vê o crescimento do setor religioso na sociedade israelense hoje?**

Quando cheguei aqui, em 1946, não havia um setor religioso da sociedade. Só uns poucos religiosos. Hoje temos uma sociedade religiosa, que cresce, em toda parte, especialmente em Jerusalém. É uma situação diferente. E a religião tornou-se a única força ideológica em Israel hoje. Não há mais a ideologia do sionismo, do *Kibutz*, os religiosos são, de certa forma, os que vivem como judeus hoje, quer gostemos disto ou não. Quem é um judeu? Quem reza três vezes por dia. Este era o judeu há dois mil anos, este é o judeu hoje.

**Há lugar para a cultura dos judeus assimilados da Europa Central no mundo de hoje?**

Há judeus assimilados em toda a parte. Gostaria que fossem mais cultivados, mais finos, estamos rodeados por eles em toda a parte.

**O Sr. ainda tem alguma relação com sua cidade natal?**

A comunidade judaica de Czernowitz desapareceu no genocídio e a cidade é hoje uma cidade ucraniana, onde não existem mais as culturas em meio às quais eu nasci. Infelizmente, é uma cidade depauperada e um tanto dilapidada. Mas fui feito cidadão honorário desta cidade, para a qual voltei uma só vez, há cerca de 15 anos. A minha Czernowitz encontra-se em algum lugar dentro de mim, junto de mim e de minha mãe.

**Nos campos de refugiados de Itália, para onde o Sr. foi levado depois do fim da guerra, em que língua comunicava-se com os outros sobreviventes?**

Cada qual falava em sua língua. Ídiche, alemão, polonês, romeno... Quando cheguei em Israel, as pessoas também falavam muitas línguas diferentes. Em 1946 viviam em Israel cerca de 500.000 judeus, cada qual falava uma outra língua, especialmente a língua das mãos e dos pés.

**Como foi seu primeiro encontro com a língua hebraica?**

Já nos campos de refugiados na Itália, já tínhamos alguns professores que nos ensinavam hebraico.

**Quando soube que queria tornar-se escritor?**

Não conhecia viva alma quando cheguei aqui. Não conhecia a língua, não conhecia o lugar, a ideologia não era algo que me agradava. Subitamente, uma noite, me sentia muito mal, e resolvi fazer um registro para mim mesmo, no qual escrevi: meu pai chamava-se Michael, minha mãe chamava-se Bunia, meu avô chamava-se Meir, nasci em Czernowitz, na Rua Masaryk, fiz um longo registro, assim, e então eu sabia que eu não era um órfão. Sabia que tinha uma casa, uma cidade, uma rua. Quem nasceu em Israel, tinha pais, tinha avós, tinha ido a um jardim de infância e a uma escola. Eu cheguei aqui sem nada – sem cultura, sem nada. A escrita me devolveu meus pais, minha cidade, meu rio, minhas árvores. Me devolveu tudo o que me foi arrancado. Mas

minha memória não é uma memória histórica. É uma memória associativa. Não faço reconstruções, não tenho com que fazer reconstruções.

### **Que gênero de literatura o Sr. lê?**

Literatura judaica. Leio a Bíblia. É a base das minhas leituras. E também a Agadah hebraica. E clássicos hebraicos, como Bialik, Mendele. Isto constitui cerca de 40% das minhas leituras, De resto, leio Kafka, Proust, escritores do modernismo europeu. Nos anos 1950, o escritor S. Yzehir publicou um romance muito longo e muito difícil, chamado *Yemei Ziklag*, isto é, *Os dias de Ziklag*. Trata-se de uma prosa muito difícil, que causou escândalo em seu tempo, porque ninguém entendia o livro, seu idioma era muito difícil, era um fluxo de palavras.. Perguntaram a Agnon sua opinião sobre este livro. Agnon disse o seguinte: “se é para ler Yzehir e não entender nada, prefiro ler Kant e não entender nada.”

### **Houve épocas em que o Sr. parou de escrever? O Sr. consegue imaginar sua vida sem escrever?**

Eu escrevo há 55 anos, escrevi 41 livros e trabalho todos os dias. Tenho alegria em escrever, porque toda vez encontro algum território que ainda não conhecia, com o qual não havia me ocupado. Não se trata de grandes territórios, mas neles encontro judeus assimilados de um jeito, judeus assimilados de outro jeito. Warburg afirmou que Deus mora nos detalhes. Não nas grandes idéias.

### **O olhar atento, o contemplar, é um aspecto muito importante em sua literatura.**

Durante os anos da guerra, convivi com criminosos de todos os tipos. E aprendi a olhar com muita atenção para tudo. Para ver se não seria assassinado, para ver se não descobririam que eu era judeu, não falava, ouvia e olhava. Assim aprendi a olhar. Mas nos meus livros não há apenas um simples olhar, mas um olhar que está ligado ao pensamento. O verbo hebraico *Lehitbonen*, olhar atentamente, está associado a *Biná*, a inteligência, o pensamento.

